

Sobre “O teatro do mundo”

Carlito Azevedo

O *Teatro do mundo*, de Catarina Lins, é um longo poema, de mais de 100 páginas.

Sua aparição entre nós já seria invulgar por isso.

Mas a forma como a poeta conjuga sua prodigiosa extensão com um abandono sistemático da linearidade faz desse livro algo mais especial.

Sobre *Os Cantos*, de Ezra Pound, já se disse que é ao mesmo tempo um dos mais longos poemas do século 20 e “um dilúvio de haicais”(Eugenio Montale).

O *Teatro do mundo* é ao mesmo tempo um dos mais longos poemas contemporâneos e um dilúvio de cenas curtas, fotogramas, canções, cartões-postais, verbetes de enciclopédia, notas de caderneta, mensagens *inbox*, livros de viagem, um dilúvio de atos de um teatro sintético futurista revisto por olhos de agora.

Do anúncio luminoso ao texto escrito pela agulha do tatuador, do braile ao *spam*, da escrita devanagari ao brega, o poema de Catarina Lins parece devolver ao mundo, depois de trabalhadas com furor e minúcia em sua mesa de montagem (mais que na tradicional mesa de escritor), aquelas cem mil palavras diárias que, segundo pesquisa recente, consumimos diariamente nas páginas de livros e jornais, nas telas de celulares e computadores, nos letreiros e muros, velhas tabuletas e folhetos oferecidos (recordemos que um livro como *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, tem 119 mil palavras).

É como se a poeta abandonasse o formato-canção, que se tornou dominante na poesia atual, aquele poema que demora uma página como uma canção demora três minutos, e investisse num movimento mais complexo de explosão de todo pré-formatado. É como se a poeta se

permitisse, em vez de mudar de poema, deixar o poema mudar de assunto, de voz, de tom e de velocidade. Porque todos os assuntos, todas as vozes, todos os tons e todas as velocidades interessam a esta poeta com fome de tudo.

Mas será certo enfatizar tanto esses aspectos do livro e esquecer de mencionar quão emocionantes e quentes podem ser tantas de suas páginas? Como esse eu estilhaçado que está no meio de tudo e não está no centro de nada, pois o centro é vazio como um pastel, pode nos iluminar constante e erráticamente, como aquele reflexo do sol que meninos numa esquina atiram de modo aleatório, com espelinhos de mão, cacos de espelho, nos rostos dos passantes?

Carlito Azevedo